



Nota introdutória: Arte no Feminino – Uma história fragmentada

Introductory Note: Art by Women – A Fragmented History

MIRIAN TAVARES

CIAC – Centro de Investigação

em Artes e Comunicação

Universidade do Algarve (Faro)

mtavares@ualg.pt

MARIA DE JESUS BOTANA VILAR

CIAC – Centro de Investigação em

Artes e Comunicação

Universidade do Algarve (Faro)

mjvilar@ualg.pt

Resumo:

Este dossiê temático parte da constatação de que a história da arte foi construída, durante séculos, a partir de narrativas que marginalizaram ou invisibilizaram a produção artística das mulheres. Embora as últimas décadas tenham assistido a uma crescente valorização das artistas e ao desenvolvimento dos estudos feministas no campo da arte, persistem desigualdades nos processos de legitimação, representação e construção da memória cultural. Os artigos reunidos nesta edição propõem uma revisão crítica dessas narrativas, recuperando percursos esquecidos, reinterpretando arquivos, questionando regimes de visibilidade e explorando práticas artísticas contemporâneas que desafiam hierarquias estabelecidas. A partir de diferentes contextos geográficos, temporais e disciplinares, os contributos abordam temas como o cinema, a memória, o exílio, a performance, a média-arte digital, o ativismo e a inteligência artificial, evidenciando o papel das mulheres na produção artística e na construção de formas alternativas de conhecimento.

Palavras-chave: Arte no feminino – Estudos feministas – Historiografia da arte – Memória cultural – Representação – Práticas artísticas contemporâneas.

Abstract:

This thematic dossier is grounded in the recognition that art history has long been shaped by narratives that marginalized or rendered invisible the artistic contributions of women. Although recent decades have witnessed increased visibility for women artists and significant advances in feminist art scholarship, inequalities persist in processes of representation, legitimation, and cultural memory formation. The contributions gathered in this issue offer a critical reassessment of these narratives by recovering overlooked trajectories, reinterpreting archives, questioning regimes of visibility, and examining contemporary artistic practices that challenge established hierarchies. Drawing on diverse geographical, temporal, and disciplinary contexts, the articles address themes such as cinema, memory, exile, performance, digital media art, activism, and artificial intelligence, highlighting the role of women in artistic production and in the creation of alternative forms of knowledge.

Keywords: Women in Art – Feminist Studies – Art Historiography – Cultural Memory – Representation – Contemporary Artistic Practices.

Mini-biografia das editoras convidadas:

MIRIAN ESTELA NOGUEIRA TAVARES é Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É Professora Catedrática da Universidade do Algarve, onde assume a vice-coordenação do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) e dirige o Doutoramento em Média-Arte Digital. É Vice-presidente da ARTECH-International, Diretora da *Rotura – Revista de Comunicação, Cultura e Artes* e editora associada da *Frontiers – Communication/Visual Communication*. Integra diversos conselhos científicos e editoriais internacionais. Desenvolve igualmente uma relevante atividade cultural e curatorial, com mais de 48 exposições, numerosas publicações em revistas culturais e catálogos artísticos, e projetos de divulgação de arte e ciência. É avaliadora da A3ES, da FCT e do programa Erasmus+, tendo ainda integrado júris de instituições como a DGArtes e o ICA.

MARIA DE JESUS BOTANA VILAR é Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, investigadora integrada do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) e diretora do Centro de Estudos Galegos da Universidade do Algarve. Licenciada em Filologia Galego-Portuguesa e Filologia Românica pela Universidade de Santiago de Compostela e doutorada em Literatura pela Universidade do Algarve, desenvolve investigação nas áreas da literatura medieval ibérica, estudos galegos, património literário, cultura e identidade galego-portuguesa. A sua investigação tem incidido particularmente sobre as *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X, os imaginários medievais e as representações do feminino na literatura, articulando perspectivas da crítica literária com os estudos de género e os estudos feministas. Colabora com o ADHUC – Centre de Recerca Teoria, Gènere, Sexualitat da Universidade de Barcelona e colaborou com o Instituto de Investigaciones Feministas da Universidade Complutense de Madrid. Tem desenvolvido uma relevante atividade de investigação, edição e divulgação científica dedicada às relações culturais entre a Galiza e Portugal, contribuindo para o aprofundamento dos estudos galego-portugueses numa perspetiva interdisciplinar que integra literatura, cultura, memória e género.

A arte é um assunto de artistas. Não gostamos da ideia de separar artistas pelo sexo, pelo género, pela etnia ou pela geografia. Sabemos, contudo, que ainda perduram questões sobre o papel atribuído às mulheres no universo artístico, sobretudo na História oficial das artes, eminentemente escrita por homens a respeito de outros homens. Poder-se-ia concluir que as mulheres não tiveram lugar na história da arte quando observamos os caminhos que a historiografia trilhou até ao início do século XX. No século XIX despontam novas formas artísticas – a fotografia e o cinema – e, mesmo assim, as mulheres continuaram situadas numa geografia particular, bastante periférica e quase invisível. Conhecemos hoje muitas mais artistas, mas poucas, ou quase nenhuma, foram retratadas como motor de uma revolução estética ou como figuras canónicas, responsáveis pelo desenvolvimento de sistemas formais ou conceptuais que se tenham fixado na memória cultural.

A arte é, em princípio, um campo definido pela prática artística e não pelo género. Sob essa perspetiva, não deveria ser necessário falar de Arte no Feminino. No entanto,

embora as últimas décadas do século XX e as primeiras do século XXI tenham assistido a uma maior visibilidade das mulheres artistas e a revisões parciais das narrativas historiográficas, este reconhecimento permanece tardio e insuficiente. A investigação feminista tem demonstrado que a produção artística das mulheres foi estruturalmente marginalizada nos cânones, nos discursos críticos e nas instituições de legitimação cultural, através de hierarquias naturalizadas de autoria, genialidade e valor artístico.

Estas condições tornam indispensável a continuidade da reflexão crítica sobre os modos como a arte é escrita, exibida e avaliada. Este dossiê temático parte precisamente dessa necessidade: revisitar percursos, recuperar presenças, questionar ausências e refletir sobre os mecanismos que continuam a determinar quem é visto, lembrado e legitimado no campo artístico.

As autoras que contribuíram para esta edição responderam ao nosso apelo e abordaram a Arte no Feminino sobretudo a partir de perspetivas centradas na prática, incluindo reflexões de artistas, estudos baseados em processos criativos, práticas curatoriais e projetos experimentais a partir de perspetivas históricas, críticas e teóricas. Os textos reunidos contribuem para esse exercício de revisão crítica a partir de diferentes geografias, temporalidades, disciplinas e práticas artísticas. Em comum, partilham a preocupação com a recuperação de trajetórias silenciadas, a reinterpretação de arquivos, a problematização dos regimes de representação e a construção de novas narrativas sobre a presença das mulheres na arte, na cultura e na sociedade.

ANA ISABEL SOARES, no artigo “Descobrir Marie Isabelle Canto da Maya: arquivo, ausência, presença”, propõe uma revisitação historiográfica do cinema português através da figura de Marie Isabelle Canto da Maya, cineasta, fotógrafa, atriz e escritora cuja obra permanece quase desconhecida. A partir de arquivos fragmentários e de uma biografia marcada pela dispersão, o artigo questiona os mecanismos de exclusão que moldaram a história do cinema português e defende a necessidade de ampliar os seus objetos, metodologias e protagonistas.

A recuperação de percursos femininos esquecidos também orienta o estudo de MARIELA SÁNCHEZ “ ‘La piba que tocaba’: mujer, arte y exilio republicano español en Argentina”, dedicado a artista espanhola María Victoria Iniesta. Através do testemunho oral e da memória do exílio dos que se refugiaram na Argentina durante a Guerra Civil Espanhola, o artigo restitui visibilidade a uma mulher cuja atividade artística foi

frequentemente secundarizada por estruturas sociais e culturais que relegaram muitas criadoras para a periferia da arte.

GIOVANNA AFFONSO DE CAMPOS, em “O filme ensaio como pensamento poético: um estudo sobre *Las Poetas visitan a Juana Bignozzi*”, desloca a reflexão histórica para o campo do cinema ensaístico, analisando o filme argentino *Las poetas visitan a Juana Bignozzi* (de Laura Cittarella e Mercedes Halfon, estreado em 2019). O artigo evidencia como a autorrepresentação, a performatividade e a dimensão poética do ensaio cinematográfico podem constituir formas de pensamento crítico, recuperando a figura de uma artista através de um processo de criação que privilegia a dúvida, a subjetividade e a experimentação.

A dimensão da prática artística enquanto produção de conhecimento crítico atravessa o artigo de JULIANA WEXEL “*CyberPerformanCity: um recurso metodológico experimental para processos criativos de média-arte digital, artes performativas e espaço urbano*”. O artigo propõe uma metodologia experimental desenvolvida a partir da articulação entre média-arte digital, ciberperformance e espaço urbano. A proposta evidencia o potencial das metodologias autorais para a criação artística contemporânea, integrando uma perspectiva feminista, tecnológica e performativa sobre a ocupação dos espaços físicos e digitais.

Num registo distinto, mas igualmente centrado na relação entre género, representação e poder, ANA GAVINA, em “Representações feministas em arte digital: Beatriz Albuquerque e Mónica de Miranda”, analisa as obras das artistas portuguesas, refletindo sobre o modo como as práticas artísticas digitais feministas desafiam regimes de visibilidade, autoria e legitimação. Através das dimensões do corpo, da tecnologia, da memória e da contra representação, o artigo demonstra como os meios digitais podem constituir espaços de resistência e reconfiguração simbólica.

Por último, o projeto *in/visibilidades no feminino*, de CÉLIA PALMA e ISABEL CARVALHO, explora a relação entre média-arte digital, ativismo e Inteligência Artificial Generativa, propondo a prática artística como espaço de reinscrição simbólica de memórias e narrativas femininas historicamente marginalizadas. Através da recuperação de cânticos tradicionais e da experimentação tecnológica, o artigo questiona os mecanismos contemporâneos de invisibilização das mulheres e reflete sobre o potencial crítico das tecnologias emergentes.

Embora distintos nos seus objetos de estudo e enquadramentos teóricos, os artigos aqui reunidos convergem na recusa de narrativas lineares e universalizantes. Em vez disso, propõem uma atenção às margens, aos arquivos incompletos, às memórias fragmentárias, aos corpos situados e às formas de criação que desafiam hierarquias estabelecidas. Mais do que acrescentar nomes femininos a histórias previamente escritas, estes trabalhos interrogam os próprios mecanismos de construção do conhecimento, da memória e da legitimidade cultural.